

Os Estados Unidos estão tornando mais difícil para o resto do mundo o acesso às vacinas contra a covid-19, Slate - Resumo por André Biernath

Jane C. Hu, Slate, “The U.S. Is Making It Harder for the Rest of the World to Get COVID Vaccines”:

<https://slate.com/technology/2021/02/us-covid-vaccines-covax-global-south.html>

Os Estados Unidos estão tornando mais difícil para o resto do mundo o acesso às vacinas contra a covid-19, Slate

A reportagem publicada no site Slate analisa como a atuação dos Estados Unidos (e de outros países ricos) no sentido de garantir doses da vacina contra a covid-19 para sua própria população pode deixar as nações menos desenvolvidas em maus lençóis.

O recém-empossado presidente Joe Biden anunciou que vacinaria 100 milhões de americanos nos 100 primeiros dias de governo. No final de fevereiro, o novo líder dos Estados Unidos divulgou a compra de outras 200 milhões de doses do imunizante até o final de julho de 2021. O país já tem mais de 1,2 bilhão de doses garantidas.

O que é uma ótima conquista para os americanos se transforma numa péssima notícia para quem mora em outros lugares do planeta: os Estados Unidos tem um estoque de doses muito superior a outros países, mesmo aqueles que já iniciaram campanhas de imunização nos últimos meses. E isso sem contar os outros que nem conseguiram acesso às suas primeiras doses (o que pode só acontecer em 2022 ou 2023, diga-se).

Ao longo dos meses de 2020, enquanto as vacinas eram desenvolvidas em tempo recorde, o discurso e as tratativas eram de que as doses iriam ser distribuídas de forma igualitária pelo mundo, de modo a proteger primeiro as populações mais vulneráveis de todos os continentes.

Mas não foi isso que aconteceu na prática: os países ricos negociaram diretamente com as farmacêuticas cujos produtos estavam mais adiantados. Essas empresas, por sua vez, conseguiram melhores margens por meio desse modelo de negócio e houve uma priorização das entregas não só para Estados Unidos, mas também para os integrantes da União Europeia e outras nações em que proporcionalmente a covid-19 nem é um problema tão grande assim, como Emirados Árabes Unidos e Israel.

Uma saída para garantir um acesso mais igualitário foi tentado por África do Sul e Índia, que propuseram a quebra das patentes das vacinas para que elas possam ser produzidas por vários fabricantes. Mas essa sugestão não foi muito bem recebida na Organização Mundial do Comércio e teve uma forte resistência de Estados Unidos, Japão, Austrália e União Europeia.

Os países menos desenvolvidos com um pouco mais de condições têm recorrido às vacinas que tiveram menos concorrência, como a Sputnik V, do Instituto Gamaleya, na Rússia, a CoronaVac, da farmacêutica chinesa Sinovac, e a Covaxin, da indiana Bharat Biotech.

Toda essa movimentação tem uma série de implicações geopolíticas e de saúde pública: com menos vacinas disponíveis, a tendência é que o mundo demore mais para conseguir sair da pandemia (apesar de algumas populações específicas já estarem mais protegidas).